



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornalista Fernando Morais, para a revista Nosso Caminho

Palácio do Planalto-DF, 06 de novembro de 2008

Jornalista: Tudo bem, Presidente?

Presidente: Tudo bem, querido.

Jornalista: Vamos conversar um pouquinho? O Oscar me pediu que viesse aqui fazer uma entrevista, não vou nem dar trabalho, nem tomar o tempo do senhor. Então, é conversar um pouquinho. Não pode ser uma entrevista factual, uma entrevista de notícia nova, porque a Revista vai sair daqui a um mês, então é conversar um pouco sobre o genérico.

Uma coisa que me ocorreu é o seguinte: esse encontro da gente coincide com a eleição do Barack Obama. Quando o senhor entrou no movimento sindical, o presidente dos Estados Unidos era o Nixon e, na América Latina havia 14 países com ditaduras ou juntas militares decorrentes de golpes de Estado, entre elas nós, aqui.

Passam-se os anos e hoje, como o senhor mesmo disse outro dia num discurso, ou eu li em algum lugar, tem um bispo no Paraguai, um índio na Bolívia, um operário no Brasil, uma filha de torturado no Chile, e por aí vai, um guerrilheiro na Nicarágua, um militar que não é golpista na Venezuela. E, para coroar isso tudo, essa cor nova na América Latina, um preto, negro eleito presidente dos Estados Unidos.

O que é para o senhor, que viveu esses dois momentos tão distantes um do outro, em tão pouco tempo, e em duas posições diferentes: antes como um sindicalista, como um militante de rua, e agora como um desses presidentes



que estão dando a cor nova para o continente e para o mundo? Porque o mundo está olhando para aqui.

Presidente: Eu acredito, Fernando, que a sociedade está perdendo o medo, a sociedade quer mudança, a sociedade quer vencer os preconceitos, os tabus que se criaram contra as chamadas minorias em vários momentos da história da humanidade, os preconceitos contra os operários na política, os índios na política, as mulheres na política, o negro na política. Eu penso que tudo isso foi quebrado nesses últimos...

Jornalista: O tal (incompreensível) bispo...

Presidente: ...tudo isso foi quebrado nesses últimos dez anos, na América Latina. É importante lembrar...Esse é um dado que a gente não pode esquecer nunca: eu tomei posse em 2003, fui visitar a Argentina que, naquele momento, tinha o Duhalde na Presidência e tinha pouca gente querendo ser presidente na Argentina. Na verdade, ninguém queria ser presidente da Argentina. E nós tínhamos o Chávez “solito” aqui, na América do Sul. Nesses seis anos houve uma mudança, eu diria, gritante na política da América do Sul.

Jornalista: O senhor não acha que a sua eleição, de alguma maneira, estimulou... desatou um pouco esse fim do medo?

Presidente: Eu acho. Eu acho que a nossa vitória aqui no Brasil permitiu a quebra do medo, a quebra dos tabus no Uruguai. O Tabaré já poderia ter sido presidente do Uruguai, ou a Frente Ampla já poderia ter eleito o presidente do Uruguai.

No Paraguai, eu já entendia que o Nicanor era um avanço para o Paraguai porque quebrava a oligarquia. E agora o Lugo é um duplo avanço,



porque é um movimento social, representado pelo Lugo, que chega ao governo do Paraguai.

A vitória, no Equador, do Rafael Correa. A vitória do Evo Morales eu acho a coisa mais simbólica, porque é um índio. Na minha opinião, aconteceu com o Evo Morales o que aconteceu com o Mandela. Na hora que os negros descobriram que eram maioria, ficou fácil eleger um negro presidente da República. Na hora que os índios descobriram que são maioria, ficou fácil eleger um índio presidente da Bolívia.

Jornalista: O senhor aqui no Brasil também, na hora que os pobres descobriram que eram maioria...

Presidente: Eu acho. Essa é uma das coisas que eu mais prezo e que eu mais digo para as pessoas. A minha eleição, eu acho que ela é importante não pela quantidade de obras que você possa fazer, mas ela é importante pelo despertar da consciência da parte do “andar de baixo”, como dizia o velho Octávio Frias, o velho Frias. Ele dizia: “O andar de cima não vai deixar você chegar”. E, de repente, eu...

Ministro Franklin Martins: Ele disse isso para você, não é?

Presidente: Dizia para mim.

Jornalista: Ah, é? O senhor Frias?

Presidente: É, o senhor Frias dizia para mim: “O andar de cima não vai deixar você chegar. O andar de cima não vai permitir que...”

Jornalista: Tentou, não é?



Presidente: É. Agora, veja, o dado concreto... essa é a coisa, é que o povo está descobrindo que na hora que a maioria se junta e rema para o mesmo lado, ela pode muita coisa, ela pode quase tudo.

E isso aconteceu nos Estados Unidos. Eu estou dizendo há alguns meses que a vitória do Obama tem uma coisa simbólica, porque muita gente dizia: “não, porque os conservadores, porque tem muita gente conservadora, porque chega na hora...” Eu acho que o Obama significou mais do que a vitória de um homem, com a sua inteligência, com o seu preparo político. A vitória do Obama eu acho que foi a vitória de uma idéia, de que não era possível que o país mais rico do Planeta continuasse com os mesmos preconceitos do tempo da escravidão. Nós não podemos nos esquecer - o Franklin dizia, de manhã -, que há 40 anos o Luther King foi assassinado. Então, eu não estou julgando, eu não posso dizer o que o Obama vai fazer, porque aí ele vai montar o governo dele.

Jornalista: Agora, o senhor deu uma declaração muito corajosa porque os dois estavam ali, pau a pau, ninguém sabia quem iria ganhar e o senhor publicamente disse que para o Brasil seria uma maravilha que o Obama ganhasse.

Presidente: Eu acho que foi até um lapso da minha parte, porque eu não costumo dar palpite sobre a eleição de outros países. Mas como eu estava ali em Cuba...

Jornalista: Foi em Cuba...

Presidente: Foi em Cuba... e eu estava falando, eu falei: eu não posso deixar de falar do bloqueio, ora. E já aproveitei e falei do Obama. Já aproveitei e falei



do meu desejo de que era importante. Mas aí, para mim, não enquanto presidente do Brasil, mas enquanto ser humano, a vitória de um negro nos Estados Unidos é uma coisa extremamente importante, importante para todo o continente africano, importante para os negros dos Estados Unidos, importante para os negros do Brasil, que é a segunda nação negra do mundo depois da Nigéria. É uma coisa simbólica. Se ele vai conseguir atender a expectativa que ele gerou, são outros quinhentos. Mas, de qualquer forma, eu acho que foi um momento de glória da democracia americana, ou seja, a esperança venceu o medo, essa é a pura verdade. Nos Estados Unidos também a esperança venceu o medo.

Na hora em que sai o McCain disputando com o Obama, qual é a imagem que querem passar? Você tem um ex-combatente, preso, torturado no Vietnã, herói de guerra, nunca fugiu à luta, tal... esse é que vai tomar conta dos Estados Unidos. De repente, aparece um negro dizendo “olha, nós temos que mudar isso aqui”, falando, eu diria, muitos discursos extraordinários, falando a linguagem que o povo queria ouvir. Talvez seja a maior participação da juventude americana numa eleição, foi nessa.

Jornalista: Há quanto tempo não tinha fila para votar, nos Estados Unidos...

Presidente: Então, eu acho que foi uma coisa extraordinária o que aconteceu. Espero que ele consiga atender a expectativa que ele gerou. Eu... Não é correto o Presidente ficar dizendo isso, mas eu já disse publicamente: eu espero que o Obama mostre diferenças nos conflitos do Oriente Médio, na sua política para a América Latina e no bloqueio à Cuba. Aí ele vai provar se veio para mudar alguma coisa mesmo ou se, em se tratando de política externa, é o Departamento de Estado que decide. Vamos aguardar. Eu, particularmente, estou torcendo para que ele mude completamente.



E aqui na América do Sul as coisas tendem a evoluir. Eu não vejo como retroceder. Até porque você vai percebendo que mesmo quando tem disputa agora entre dois candidatos, um de esquerda e um de direita, as pessoas são de posições políticas mais próximas.

Eu digo sempre que quando disputamos eu e o Fernando Henrique Cardoso as eleições, foi um prazer para o povo brasileiro não ter que escolher entre um troglodita de direita e um cara... Não, ele tinha duas pessoas com tradição com luta para escolher. Quando disputamos eu e o Serra, a mesma coisa. Você veja: eu, Serra, Ciro e Garotinho. Não tinha ninguém que você poderia considerar de direita. Depois o Alckmin já foi um atraso, um retrocesso, porque você sabe, aí era Opus Dei, né?

Mas de qualquer forma, eu acho que há uma voz. Não tenha dúvida nenhuma de que na Bolívia, se tiver um opositor ao Evo, vai ser um cara melhor do que aqueles que nem sabiam falar espanhol, que falavam em inglês para se dirigir ao povo da Bolívia. Você vai ter, na Argentina, alguém que queira disputar vai ter que fazer mais do que fez o Kirchner, do que está fazendo a Cristina. A Michelle Bachelet... era difícil imaginar uma mulher ser eleita presidente do Chile.

Então, é esse avanço que eu acho que nós temos que valorizar. Obviamente que em um processo eleitoral você ganha uma eleição, você não ganhou uma revolução. E o Estado é composto por instituições tão poderosas que são quase, como diria o Magri, "imexíveis": o Poder Judiciário, instituições poderosas como a Polícia Federal, Ministério Público... São instituições muito poderosas que, graças a Deus, existem e dão tranquilidade à democracia.

Jornalista: O que de alguma maneira dava até para nós, que éramos oposição na época da ditadura.



Presidente: Então, eu penso que está mudando o mundo. E graças a Deus ele começou a mudar na nossa querida América do Sul. Eu fico vendo o Colon eleito lá na Guatemala, eu fico vendo a possibilidade do Maurício ser eleito lá em El Salvador, eu fico imaginando o Torrijos eleger uma outra mulher no Panamá. Logo, logo terá eleições em outros países, e eu estou percebendo que os setores progressistas e de esquerda da América Latina estão fazendo um aprendizado extraordinário de como chegar ao poder. E aí eu fico mais feliz porque quando nós criamos o Foro de São Paulo, em 1990, nós tivemos em junho a primeira reunião e a idéia era tentar unificar o comportamento da esquerda na América Latina para que a gente pudesse se organizar em um partido, para que a gente pudesse... naquele tempo tinha muito grupos de luta armada no Brasil, (ou seja), na América do Sul. Hoje, com exceção das Farc, não tem nenhum grupo armado e todo mundo está chegando ao poder pela via democrática. É um avanço extraordinário.

Então eu penso que, graças a Deus, estou vivendo para ver isso. É histórico. Eu fico imaginando o que significa para o mundo um índio ser eleito presidente da Bolívia. No Brasil, eu até acho que é menos... O Brasil tem uma tradição menos preconceituosa. Mesmo assim, a história política do Brasil não era muito rica em participação. Trabalhador, quando muito, ia ao palanque gritar o nome do seu candidato. Tudo isso aconteceu em pouco tempo, e eu acho que vai haver mais mudanças, vai haver mais mudanças. Eu acho que o Obama pode ter uma política muito mais produtiva para a África, pode se voltar um pouco para a África. O Brasil está disposto a trabalhar junto com ele, fazer parcerias para investimentos em terceiros países. Eu acho que é uma possibilidade extraordinária. De forma que eu estou feliz por isso.

Jornalista: Agora, no meio desse quadro tem alguns pontos de dificuldade. Eu me lembro de quando o Stroessner e o Geisel assinaram o Tratado de Itaipu, o jornal me mandou para lá e eu fiz uma matéria sobre Brasil e Paraguai. Eu



terminava a matéria dizendo o seguinte: no dia em que o Brasil e o Paraguai tiverem governos democráticos, dessa democracia vão surgir dois problemas: esse Tratado de Itaipu e os “brasiguaios”. Passados 24 anos, 34 anos, está aqui um operário presidente do Brasil, e no Paraguai, um bispo de esquerda. Como é que o senhor vai “descascar esse pepino”, Presidente?

Presidente: Eu penso que é um “pepino” que não é muito difícil de descascar. Você não tem nenhuma surpresa porque eu sou adepto do que você escreveu na sua matéria. Eu estou convencido de que somente com pessoas comprometidas com o povo de cada país, mas com a visão de solidariedade, é que a gente pode resolver os impasses que existem na relação bilateral entre Brasil e Bolívia, entre Brasil e Paraguai, entre Brasil e Uruguai. Na medida em que o Brasil é a grande economia da América do Sul, o grande país industrializado, o maior PIB, obviamente que é normal que esses países menores queiram que o Brasil tenha uma participação maior nos investimentos de seus países, na ajuda a seus países.

E no caso do Paraguai, nós temos a questão de Itaipu. Agora mesmo eu constituí um grupo de trabalho para encontrar uma solução, ou seja, eu quero que se discuta de forma minuciosa o que a gente pode fazer para que o Paraguai se sinta mais confortável, enquanto nação, com o Tratado de Itaipu.

Jornalista: ...não seja uma (incompreensível)...

Presidente: Eu não compactuo com os argumentos deles, de querer vender energia para qualquer um, porque quem colocou o dinheiro foi o Brasil. Eu não compactuo. Agora, eu compactuo com a idéia de que nós precisamos encontrar um preço justo, que deixe os paraguaios confortáveis. O problema lá não é só de mais dinheiro, é um problema de uma afirmação política, que eles se sintam efetivamente sócios de Itaipu. Então, o que nós precisamos fazer?



Nós precisamos ajudar a construir as linhas de transmissão que faltam ser construídas no Paraguai, porque não tem nenhuma explicação. Mesmo que eu fosse presidente do Paraguai, eu não conseguiria explicar como é que eu tenho a maior hidrelétrica do mundo e falta luz em Assunção. Então o Brasil tem que ter responsabilidade de ajudar a construir as linhas de transmissão, até porque é essa linha de transmissão que vai levar energia para a cidade, que vai levar desenvolvimento.

Jornalista: E vai permitir que eles paguem a parte deles...

Presidente: Lógico. Nós temos que entender isso. Para nós é interessante que o Paraguai cresça economicamente, o mais rápido possível, e que possa mais rapidamente possível utilizar toda a energia a que ele tem direito. Então, nós, brasileiros, temos que compreender isso, porque é compreendendo isso que a gente vai fazer com que empresas brasileiras invistam lá, porque mais dia menos dia, isso vai ter que acontecer, e o Brasil pode ajudar a acontecer. Eu acho que vai acontecer melhor com o Lugo. Portanto, eu não vejo nenhum problema. Eu vejo como importante que o Paraguai tenha um presidente do tipo do Lugo, comprometido com o movimento social, que reivindica aquilo que tem direito e nós vamos fazendo o ajuste, na medida em que a gente possa fazer. Também, eu tenho que pensar, que qualquer coisa que eu fizer a mais pode implicar em um aumento de tarifa para o povo brasileiro.

Então, é preciso que a gente tome cuidado. E eu quero ajudar, quero ajudar. O Brasil tem que ter consciência de que...

Jornalista: O senhor tem relações boas com o Lugo?

Presidente: Tenho relações boas com o Lugo, tem muita gente minha que tem relações com o Lugo e eu acho que o Lugo vai... Eu penso que ele vai contribuir para que a gente resolva alguns problemas na relação bilateral entre Brasil e



Paraguai, sobretudo acabar com o preconceito de um país rico lidando com um país menor. Então, eu penso que o Lugo foi uma boa coisa para o Paraguai.

O Evo Morales, quando começou aquele negócio do gás, muita gente no Brasil queria que eu brigasse com o Evo, porque eu tinha que defender os interesses nacionais das empresas brasileiras, e eu falava: Mas gente, espera aí, o gás é dele!

Jornalista: Até engenheiro da Petrobras sabe que a história não é do jeito que a imprensa...

Presidente: Como é que eu vou dizer para o cara: “O gás não é teu. Eu estou aí, é meu”. Não, é dele. O que nós precisamos é pactuar um acordo em que ele se sinta confortável vendendo gás para nós. Porque também, nós não podemos tirar proveito da geopolítica, ou seja, a Bolívia também não tem muito para quem vender o gás. O Brasil tende a ser o comprador natural. Nós não podemos, por conta disso, fazer alguma coisa que pareça que a gente está explorando a Bolívia, não. Tem que pagar o preço justo para a Bolívia, para que eles, dirigentes bolivianos, se sintam confortáveis dizendo “olha, estamos vendendo, estamos vendendo bem e o Brasil é um bom parceiro”.

É isso o que nós temos que construir porque, senão, a visão será do Brasil imperialista. Senão, a visão que se criou dos Estados Unidos durante os últimos 50 anos vai se criar com o Brasil. Nós não podemos permitir que isso aconteça e, para isso, temos que agir diferente.

Se tem alguém que tem que ter uma política clara para a América do Sul, é o Brasil. E é isso o que nós estamos fazendo. O Brasil hoje tem muitos investimentos, ainda tem muita regalia, tem muita coisa truncada, seja na Receita Federal, na questão da tributação...As empresas brasileiras já começaram a ter coragem de investir na América do Sul, o que eu acho uma coisa extremamente importante. Eu acho que nós vamos caminhando para



fazer com que o Banco do Brasil volte a ter agências nesses países, com que o Brasil tem...

Você imagine, o Brasil tem um fluxo comercial com o Chávez de quase US\$ 6 bilhões e nós não temos o Banco do Brasil lá. É uma coisa descabida. Nós já tivemos banco no Uruguai e fechou a agência. Então, agora eu estou estudando, fazendo levantamento de quantos países o Banco do Brasil não tem agência, para que a gente volte a abrir agências, sobretudo agora que o Brasil virou um país de importância na área de exportação e de importação. E sobretudo agora que nós temos empresas multinacionais, empresas globalizadas que estão investindo em Angola, estão investindo em Moçambique.

Jornalista: Gerdau, Vale, Siderúrgica Nacional...

Presidente: Eu penso que nós vamos conseguir cumprir essa tarefa. Quando eu deixar a Presidência eu quero deixar a coisa bem engatilhada, para quem vier depois de mim ter menos trabalho do que eu tive.

Jornalista: Sobre isso eu queria falar daqui a pouco, mas agora eu quero falar sobre a crise. No meio desse cenário tão positivo, tão otimista, governos progressistas, um negro presidente dos Estados Unidos e aí, o mundo acaba. A crise, acabou, o Muro de Berlim deles caiu. E aí, hein, Presidente? Para nós aqui, sobretudo, o clima, o pré-sal, todo mundo dizendo “Deus colocou o dedo na cabeça do Lula”, só pode ser. E de uma hora para outra, o mundo acabou...

Presidente: Deixa eu te falar uma coisa, veja que engraçado, veja a mudança que teve na América Latina e nos Estados Unidos. Possivelmente há três ou quatro anos, no meio de uma crise dessas, o Obama perdesse. E nesse momento, o povo americano viu nele a solução para enfrentar a crise.



Jornalista: O normal era que escolhessem outro, não é? Da segurança...

Presidente: Agora, por quê? Porque o povo percebeu quem era o responsável pela crise. Os defensores de que o mercado podia tudo, faliram. Você não encontra mais. Hoje você lê, de Sarkozy a Bush e a Gordon Brown, todo mundo falando que é preciso estatizar banco, que é preciso...Ninguém quer dar mais dinheiro, quer vender. Quer comprar ações, no mínimo.

Eu penso que essa crise surge para criar uma nova oportunidade para esse mundo globalizado. O sistema financeiro precisa estar enquadrado ao sistema produtivo. Eu penso que o que vai resultar disso nos próximos anos é que...

Jornalista: Mas para isso precisa ter a mão do Estado induzindo.

Presidente: Exatamente. O sistema financeiro, ele tem que ganhar dinheiro emprestando dinheiro para empresas que lhe paguem alguma coisa e que gerem uma caneta, que gerem um lápis, que gerem uma camisa, que gerem um sapato, que gerem um carro, que gerem uma máquina. O que eles não podem é ficar trocando papéis entre eles. Esses dias foi publicada uma matéria que o Artur citou hoje, que é um número muito interessante, ou seja, o PIB mundial é de US\$ 65 trilhões, e o dinheiro circulando no mercado é de US\$ 665 trilhões.

Jornalista: Dez vezes mais do que a capacidade produtiva.

Presidente: Desse dinheiro, quanto é especulação ou jogatina? Porque é isso, eu passo um papel para você, que passa para o Nelson, que passa para o Franklin, que passa não sei para quem, cada um ganha 5% nesses papéis,



daqui a pouco você vê pessoas serem milionárias e você percebe: “Espera aí, esse cara, que fábrica que ele tem? Ele produz o quê?” Nada. E ficou rico. Era o que estava acontecendo com os derivativos de algumas empresas brasileiras. Eles já não se contentavam em ganhar muito, resolveram ganhar um pouco mais. É como se você fosse em um cassino e estivesse do seu lado a sua mulher falando: “Meu amor, vamos embora, não joga mais não, você estava com dinheiro na mão...” “Não, eu vou apostar, que eu vou ganhar”, jogou e perdeu. E aí, quem é que tem que salvar? O Estado.

A coisa importante dessa história, a primeira é essa: eu acho que vão mudar algumas regras e o Estado vai ter que ter um controle maior sobre o sistema financeiro. Quer queira, quer não, isso vai ser o resultado. Pode demorar seis meses, um ano, mas isso vai acontecer, porque a solução dessa crise não será rápida. Segundo, é que o Estado volta a ser respeitado.

Hoje não tem mais ninguém, a não ser os tucanos aqui, no Brasil, que acham que o Estado não tem que ter nenhum papel. Por quê? Porque o Estado...

Jornalista: É o Corpo de Bombeiros.

Presidente: Porque o Estado, ele funciona como se fossem os pais de uma família, ou seja, o filho adolescente. Todo mundo tem filho adolescente aqui e sabe o seguinte: moleque com 18 anos, com saúde e com dinheiro no bolso não precisa de pai, não pergunta nada, não quer dizer aonde vai, não aceita conselho. Quando é que ele precisa do pai? É quando ele está sem dinheiro ou fica doente.

Então agora, que o sistema financeiro teve uma dor de barriga, quem é que foi socorrer? O Estado. Quase um trilhão de dólares americanos, quase um trilhão de dólares da Inglaterra, são mais de 4 trilhões já colocados aí, para salvar o sistema financeiro.



O que é importante, Fernando? É que nas outras três crises – Rússia, a crise asiática e o México – o Brasil quebrou nas três vezes, com US\$ 200 bilhões que envolveu as três crises. Essa, com 4 trilhões, o Brasil, de janeiro a setembro gerou 2 milhões e acho que 96 mil empregos novos com carteira assinada. Em 9 meses geramos mais do que os oito anos do Fernando Henrique Cardoso. Esse é um dado.

Nós vamos ter problema em 2009? Possivelmente a gente tenha, se cair... se tiver recessão nos Estados Unidos e na Europa, o mundo inteiro vai ter problema porque todo mundo vende para eles e compra deles. Mas nós certamente vamos sofrer menos, porque temos um mercado interno com possibilidade de expansão, porque temos um Estado com forte investimento, porque temos um pré-sal que vai exigir de nós investimentos para colher daqui quatro ou cinco anos. Nós não vamos parar nenhuma obra pública que estamos fazendo, doa... E também não cortaremos nenhum milímetro de política social. As pessoas têm que aprender que o povo não pode pagar um centavo dessa crise.

Então, é com esse otimismo que eu trabalho. Acho que essa crise não pode durar muito e muito tempo, porque o Obama, que toma posse no dia 20 de janeiro, ele tem que fazer alguma coisa para essa crise ser rápida, ele não pode conviver no primeiro ano de mandato com crise e mais crise, ele vai ter que tomar uma medida rápida. E não é querer tentar resolver o problema do sistema financeiro, é resolver o problema dos mutuários que perderam a casa, porque são 400, 500 mil pessoas que já perderam a casa.

Jornalista: Perdeu a casa, não é que perdeu o investimento.

Presidente: Então, eu penso que ele vai cuidar disso com carinho, espero.

Jornalista: Presidente, no dia do lançamento do segundo turno da Marta, lá



em São Paulo, no dia em que foram os ministros, eu falei para o Devanir, que estava lá, para fazer uma camiseta para mim: “Fica, Lula”, que eu vou usar nos meus lançamentos de livros no Brasil e no exterior. E aí, 2010, hein? O senhor, com esse entusiasmo todo, emprego, pré-sal, taxas nunca vistas antes no Brasil, o senhor vai embora?

Presidente: Fernando, veja, eu trabalho com a hipótese... eu trabalho com a convicção de que nós vamos chegar em 2010 numa situação altamente privilegiada. Se tudo o que já está engendrado, todas as obras contratadas, todas as obras já licitadas, poucas coisas para serem licitadas, acontecer, nós vamos chegar em 2010 num momento, eu diria muito auspicioso do Brasil. Agora, isso tudo, Fernando, não me garante o direito de fazer o exercício de brincadeira com a democracia, porque o que vale para nós, vale para todo mundo. Então eu penso que oito anos de mandato é um bom tempo para você executar um programa e cumpri-lo. E depois a alternância do poder, Fernando é uma coisa importante. O que nós temos que ter cuidado é de eleger uma pessoa que tenha compromissos em manter e aprimorar aquilo que precisar ser aprimorado, ou seja, fazer o dobro do que tem que ser feito.

Alguns companheiros falam o seguinte: bom, tudo bem que não tenha um terceiro mandato. Agora, em 2014 você volta. Essa é um tese, que eu diria, meio boba. Porque se eu trabalho para te eleger presidente e você se elege, eu tenho que trabalhar para você fazer muito mais do que eu e melhor do que eu. Se você fizer melhor e mais do que eu, você tem o direito a tua reeleição. Por que você tem que ser um candidato tampão? Imagina a (incompreensível). Daí porque muitas vezes tem companheiros que trabalham para o seu candidato perder, para eleger o adversário, que é para ele voltar quatro anos depois.

Jornalista: Claro, não é incomum isso.



Presidente: Eu acho que nós temos condições de fazer a sucessão com uma pessoa comprometida, com uma pessoa de qualidade técnica, com uma pessoa de história. Eu penso que será do PT. Eu penso, porque essa pessoa que eu estou falando, com essas características, é do PT.

A verdade é que, eu não sei se eu posso falar, (incompreensível) é que eu acho que a Dilma está altamente qualificada do ponto de vista da sua história política, do ponto de vista da sua competência técnica, do ponto de vista do que ela pensa do Brasil e do mundo. Eu acho que ela está infinitamente preparada para ser uma candidata e ganhar as eleições e, sabe,... uma mulher exercitar o poder em sua plenitude total aqui no Brasil.

Obviamente que entre o desejo e a conquista tem muito trabalho. Eu tenho dois anos pela frente, nós temos muita coisa para fazer, ainda muita coisa para fazer e eu acho que o ano de 2009 é um ano de inauguração de muitas obras, o ano de 2009 é um ano de muita costura política, porque toda a engenharia política, arquitetura e a maquete desse projeto têm que estar prontos no final do ano que vem para você poder colocar mãos à obra. E eu espero construir com tranquilidade, com muita sabedoria, porque nós precisamos eleger alguém que acredite na América do Sul, alguém que tenha os olhos voltados para a África, alguém que saiba que o Brasil tem compromisso com o povo africano, moral, ético, compromissos culturais, coisa histórica. Não tem dúvida, nós temos que estender a mão para os africanos. Eu quero...

Jornalista: O senhor considera, nas suas reflexões sobre 2010, a possibilidade de vir a coligar com um partido, com outro partido, sem estar com o PT na cabeça da chapa?

Presidente: Em tese...você compactua...em tese a gente compactua com isso. Em tese...aliás eu tenho dito: quando a gente faz aliança política, a gente tem que trabalhar com a hipótese de que o candidato pode não ser teu. O



candidato pode ser de um outro partido. Agora, quando eu fico analisando todos os candidatos, eu fico imaginando que nenhum partido político tem uma candidatura como a Dilma. Então, essa a minha tranquilidade. E depois, a segurança, a segurança. A Dilma é uma companheira de personalidade, não é daquelas que vacila em momentos difíceis, e acho que o Brasil precisa disso. O Brasil aprendeu a andar, as pessoas estão aprendendo a ter conquistas que depois de Getúlio não tiveram. Então essa é uma coisa gostosa, que eu acho...

Jornalista: Que bom ouvir um Presidente da República falar de Getúlio de novo sem ser para xingar. A navalha acabou. A navalha já acabou.

Presidente: Não, não...Obviamente que eu tenho uma profunda admiração pelo Getúlio. Eu acho que posso ter discordâncias com o sistema político daquele momento, mas obviamente que como trabalhador eu não posso deixar de reconhecer o bem que ele fez por este país, as grandes coisas que ele fez. São duas pessoas. Na verdade, são três pessoas que... O Getúlio Vargas, que fez o que fez, depois o Juscelino, muito mais do que devolveu alegria a este país e descentralizou o Brasil, os militares tiveram o Geisel, que teve coragem de fazer investimento em infra-estrutura, mas de lá para cá, o que aconteceu no Brasil? Analise o que aconteceu depois do Geisel para cá, sabe, do ponto de vista de infra-estrutura. Pouquíssima coisa. Nós é que retomamos o papel do Estado ao fazer infra-estrutura, porque você veja agora na crise o que os nossos adversários falam: "Ah, precisa olhar o gasto do Estado, precisa olhar não sei das quantas, precisa cortar salário, precisa cortar investimento". Olha, o Estado investe pouco, o Estado paga mal, o Estado, se quiser atender minimamente as pessoas, precisa contratar mais gente e precisa pagar melhor. Você veja que absurdo, nós aprovamos o piso do salário dos professores: R\$ 950,00, o que é uma bagatela. Sabe quais são os estados que estão contra? Os mais ricos: São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, ou seja, contra R\$



950,00.

Jornalista: Para pagar professor...

Presidente: Para pagar professor. Ora, meu Deus do céu, como é que a gente quer melhorar a qualidade da educação se o professor não se sentir motivado e valorizado?

Jornalista: O básico...

Presidente: Então você pega o estado mais rico da Federação, acha que 750... e o Acre paga 1.200. Qual é a explicação, a não ser...

Jornalista: Isso aí remete, Presidente, para uma pergunta que é a seguinte: o senhor fez uma declaração dizendo que seu projeto era usar os recursos do pré-sal para fazer uma revolução na educação do Brasil, que me deixou com os olhos brilhando. O senhor acredita em Deus. Se Deus lhe desse o direito de fazer três pedidos para acontecer, de agora até o senhor terminar seu mandato, o que o senhor queria? “Olha, quero fazer isso, isso e isso”. Três.

Presidente: Primeiro, que Deus atende os meus pedidos, sempre. Deixa eu te dizer uma coisa, querido, o que eu queria fazer, o que eu queria pedir... Primeiro, eu acho que um Ele já atendeu, ou seja, a questão da indústria naval brasileira, da indústria petrolífera, que nós finalmente estamos dando ao Brasil o que o Brasil merece. O Brasil já foi a segunda indústria naval do mundo, na década de 70. Reduziu a pó na década de 90. Em 2002, de 36 mil trabalhadores em 70, tinha 1,6 mil em 2002. Hoje, já está com 40 outra vez. Então, nós já recuperamos a indústria naval, estamos produzindo sondas, plataformas e navios aqui, o que é uma coisa maravilhosa.



E o pré-sal... eu fiz questão de alertar porque eu criei uma comissão interministerial e eu fiz questão de dizer o seguinte: olha, vocês podem pensar em fazer o que quiserem. Tem algumas coisas que nós temos que decidir: primeiro, o Brasil não será exportador de óleo cru, nós vamos exportar derivados. Segundo: com uma parte desse dinheiro nós temos que resolver duas dívidas com este país, uma é a questão da educação e a outra é a questão da pobreza, sabe, para ficar claro. O que nós temos que aproveitar é uma chance que Deus nos deu, de encontrar petróleo onde parecia que não tinha, até porque em algum lugar a gente já tinha feito prospecção. Então, é utilizar e eu acho que é muita reserva, a gente não tem confirmação do conjunto, mas é muito petróleo e de qualidade, que é 32 API, que é uma coisa quase gasolina pura.

Jornalista: Quase que dá para abastecer...

Presidente: Então nós temos que aproveitar isso para resolver o problema do País. Não colocar isso no orçamento normal e ficar gastando. Temos que fortalecer a Petrobras, porque ela precisa cada vez mais ter investimento em tecnologia.

Então, uma outra coisa que eu gostaria de fazer no Brasil, rapidamente, era tentar ver se a gente acaba com a violência sexual de adolescente. É uma coisa abominável, eu não consigo entender como é que um ser humano, que é tido como animal racional, é capaz de pegar uma menina de 13 anos, 12 anos, 14 anos...

Jornalista: É uma brutalidade.

Presidente: E fazer sexo com ela. Então, essa é uma coisa que é difícil, porque a gente nem sabe onde estão todos os problemas, mas é uma coisa



que eu acho que a sociedade brasileira...

Jornalista: E na hora que conserta a educação já está tentando consertar isso aí.

Presidente: Não, acertou a educação e melhorou a vida do povo, isso vem junto. E uma outra coisa que eu gostaria de ver acontecer no Brasil já está acontecendo também, que é a ampliação das universidades brasileiras. Ou seja, nós estamos fazendo muita, muita coisa. Ao todo são 14 universidades novas, são 95 extensões universitárias, são 214 escolas técnicas. Tudo isso nós queremos que esteja pronto em 2010, antes de eu deixar a Presidência da República.

Então, eu saio da Presidência nunca satisfeito, porque você sempre gostaria de ter feito mais. Você sempre vai olhar o gol que você não marcou, a bola que você perdeu, o drible que você não deu. Mas eu acho que se comparado a outros presidentes, na história do Brasil, eu acho que nós vamos deixar um legado importante para a futura geração deste país.

Jornalista: Na sua opinião, o seu sucessor deve ter que características, que qualidades, se o senhor pudesse resumir, para continuar o trabalho que o senhor está começando, com toda essa luta?

Presidente: Uma coisa que um político tem que ter do tamanho do cérebro, é o coração. Porque não é possível você fazer política apenas com a racionalidade da economia, com a racionalidade das suas possibilidades, ou seja, política tem que ter um pouco de coração, porque é a sua emoção que permite que você dê um passo a mais.

Sabe aquele jogador que acredita que se ele correr um pouco, ele não deixa a bola sair fora? Não tem uns que fazem assim?



Jornalista: Tem, um pouquinho mais.

Presidente: Então, acho que tem que ter isso. Tem que ter o coração no bico da chuteira, no bico do pé, e competência. E, depois, capacidade de articulação política, para montar uma orquestra para funcionar. Porque ser governante, Fernando, eu aprendi que não tem muita diferença de ser presidente do Sindicato de São Bernardo, de ser um maestro de uma orquestra, ou seja, você tem que saber montar o teu time, colocar cada pessoa no lugar certo, dar orientação, e as coisas funcionam.

Então, eu acho que quero uma pessoa assim, e por isso que eu acho que a Dilma é talhada para isso. A pessoa tem que ser dura quando precisa ser dura, mas sem perder a sensibilidade da relação humana, que é uma coisa que eu valorizo muito.

Jornalista: Sem perder a ternura.

Presidente: O que a gente leva da vida, na verdade, é a relação que a gente construiu. Não é isso? O dinheiro vai “pras cucuias” mas se você... Eu, por exemplo, morro de inveja quando eu vejo aqueles filmes do Vinícius de Moraes. Como aquele cara soube viver bem! Tudo bem, morreu e talvez não tivesse o dinheiro que poderia ter ganhado, mas quantas pessoas viveram com o prazer que ele viveu? Eu achei aquilo... Eu fiquei vendo aquele filme, acho que ele foi o ser humano mais feliz do Planeta. Um cara que está num restaurante, jantando com uma pessoa, aparece outra pessoa, daqui a pouco ele foge com outra pessoa e aparece casado na Argentina. É genial!

Jornalista: É. É assim mesmo.



Presidente: Genial! Achei aquilo... Deixar a porta da casa aberta para quem quiser entrar e beber e... Para encerrar, quem ganhou em Petrópolis?

Ministro Franklin Martins: Eu sei quem ganhou, ganhou bem, inclusive.

Presidente: Mas parecia impossível...

Ministro Franklin Martins: Então. Meu primo, lá, está de cabeça inchada.

Presidente: Pois é, e ele me falou o seguinte: “Olha, eu gosto muito desse cara do PT que é candidato. Agora, não dava para ser ele agora, ele podia esperar um pouco mais. Ele vai fazer...”

Jornalista: Presidente, para não tomar mais seu tempo, porque eu sei que o senhor tem audiência aí, pela frente, eu queria saber o seguinte: dessas pequenas coisas que a gente faz, o que a Presidência tirou do senhor? Essas coisas, sabe, tem gente que gosta de jogar sinuca, tem outro que gosta de jogar truco...

Presidente: Liberdade. A Presidência tirou a minha liberdade, ou seja, de fazer as coisas que eu gosto de fazer.

Jornalista: Por exemplo?

Presidente: Eu gosto de jogar bola, eu gosto de encontrar com os meus amigos, eu gosto de jogar baralho, eu gosto de...

Jornalista: Joga o que no baralho?



Presidente: Não, eu gosto de juntar amigos, tomar um uísque, tomar uma cerveja...

Jornalista: Sei, sei.

Presidente: Isso diminuiu. Por que diminuiu? Primeiro, porque eu vim para Brasília e meus filhos ficaram em São Paulo. Segundo, porque eu não posso levar gente em casa para comer porque daqui a pouco estão dizendo que eu estou gastando o dinheiro do... Sabe? Se fosse um rico que estivesse lá era normal, mas como um pobre, vão: “Ah, não...”, vão ficar...

Então, eu tenho uma vida muito regrada. Eu, na maioria das vezes, fico sozinho naquele Palácio, com a dona Marisa, na maioria das vezes. É uma solidão muito ruim, é uma sensação... Eu não posso convidar os ministros meus amigos, porque tem 30, aí eu tenho...

Jornalista: Gera ciúmeira. Jornalista vê entrando, já acha que tem uma conspiração...

Presidente: Gera ciúmeira. Eu não posso convidar alguns amigos, porque gera ciúmeira. Então, termina ficando eu e Marisa ali.

Então, eu estou há seis anos na Presidência, eu nunca fui em um restaurante, nunca fui...

Jornalista: O que mais que o senhor não fez?

Presidente: Nunca fui num bar tomar cerveja, nunca fui num aniversário, nunca fui num casamento...

Jornalista: Num campo de futebol...



Presidente: Nunca fui em lugar nenhum, acabou. A minha vida é: daqui para o Alvorada, do Alvorada para cá. Uma vez, a cada 30 dias, daqui para São Bernardo, chega em São Bernardo eu me tranco no apartamento e fico preso no apartamento.

Jornalista: Nem um coelhinho, que o senhor gosta de fazer?

Presidente: Ah, faço, quando eu vou em São Bernardo. E aqui eles fazem para mim, já ensinei a fazer. Mas é falta de liberdade. Agora, isso não impede que quando o Paulo Coelho regressar você me telefone para trazer ele para jantar aqui, e você, porque eu estou devendo isso a ele.

Jornalista: Eu, ontem, contei para ele que vinha aqui, ele falou: “Pergunta se ele leu o livro”.

Presidente: Li. Fale para ele que aumentou a minha admiração por ele.

[Versão publicada pela revista Nosso Caminho](#)

(\$31DHJLP)



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Entrevista do Presidente da República
